

# Como melhorar a escola pública no Brasil

27 MAI 1992

VANILDA PAIVA

**U**m conjunto de 196 entrevistas foi realizado em três escolas de áreas diferentes da cidade do Rio de Janeiro: Zona Sul, Zona Norte e Zona Oeste Rural (pesquisa apoiada pela Fundação Ford, pelo Inep e pelo CNPq). Cento e cinco delas foram feitas com alunos e as demais, em proporção decrescente, com professores, pais, diretoras, pessoal de apoio das escolas, explicadoras. As respostas obtidas apontam para problemas cruciais que dificultam a eficiência da aprendizagem nas nossas escolas públicas, alguns dos quais poderiam ser facilmente solucionados.

É absoluto consenso entre todos os entrevistados que qualquer aluno deseja uma escola em boas condições físicas e operacionais: bonita, bem cuidada, com características de conforto e serviços (pedagógicos ou não) das escolas de classe média, seja qual for a sua origem social. Pais e alunos, em especial, querem bons, assíduos, pacientes e compreensivos professores; boa merenda escolar e muitas atividades extraclasse. Também não há qualquer dúvida a respeito da avassaladora prevalência por diversões nas demandas dos alunos. Esta deve ser entendida no contexto de uma escola que, ao difundir-se, atingiu grandes contingentes de população pobre.

Cerca de um milhão de pessoas hoje habitam favelas no Rio e a tradicional "socialização de rua" nos bairros retraiu-se na medida que a violência e o anonimato tornaram a rua cada vez mais perigosa. Assim, a criança, o jovem e as famílias redefinem o espaço escolar para

além da escola, como espaço de proteção, de guarda, de encontro, de sociabilidade. Os alunos desejam trazer para dentro da escola equipamentos e formas de diversão que existem fora dela e usar o espaço escolar como local de divertimento nos fins de semana são demandas conectadas àquela redefinição, dando à escola funções de substituição; querem também tornar a escola (sua organização e suas aulas) divertida e agradável.

Se a aprendizagem em nossas escolas fica muito aquém do desejável, os alunos alegam que a escola é "chata", desinteressante e desestimulante. Mas eles propõem como consertar a "chatices". Em primeiro lugar, aumentando o horário de recreio. Pode parecer uma bobagem, mas esta é uma reclamação de todos.

Sem querer entrar na discussão miúda de se dá ou não tempo de comer, ir ao banheiro e conversar com algum colega em 20 minutos, vale a pena lembrar que no estudo realizado por Stevenson — ao comparar a performance de escolas americanas e asiáticas — ele chega à conclusão de que os asiáticos (entre outros motivos) apresentam melhores resultados porque existe uma forma de estruturação da vida escolar que contribui para torná-la aprazível. Cabem ali vários intervalos, muitas atividades extraclasse, tempo para que os alunos conversem entre si. Nossos alunos reivindicam um modelo cuja prática tem dado os melhores resultados em outras partes.

Mas a escola desejada não é feita apenas com mais atividades extraclasse e maiores e mais freqüentes recreios. Os alunos protestam não só contra a falta de professores e contra o absenteísmo docente, mas contra a forma como a escola

organiza (ou não organiza) seus "tempos vagos". Estes são vividos como desperdício puro e simples: eles não têm aula, nem em seu lugar entram outras atividades, resultando perda de tempo, bagunça e a tentativa de sua repressão.

É um problema administrativo, mas tem tudo a ver com carência de professores, com os salários que lhes são pagos, com regulamentos que permitem faltas periódicas. Tem a ver também com um tipo de formação de professores e administradores não orientados para lidar com a clientela atual da escola pública, com suas necessidades de redefinição do espaço escolar e que não estão voltados para o objetivo de tornar a escola um local onde se aprende com prazer, dentro e fora da sala de aula.

Além disso, mesmo que em todas as escolas existam "pichadores" — um fenômeno ligado à auto-afirmação de grupos de alunos — todas as categorias não apenas se envergonham do mau estado de conservação das escolas, mas principalmente da sujeira nelas reinante. A questão da conservação e da limpeza incomoda não apenas em si (banheiros fedorentos, salas com goteiras, portas com a parte inferior carcomida, móveis quebrados) mas pelo simbolismo desta sujeira visível, que funciona como um reforço à discriminação dos "de fora".

Professoras passam a mão na vassoura para limpar o pátio envergonhadas frente a uma visita; alunos tratam, por vezes, de limpar o que é possível e afir-

mam que seria necessário "consertar tudo". Esta situação está diretamente ligada aos baixíssimos salários pagos ao pessoal de apoio e à drástica e progressiva redução do seu contingente, seja porque abandonam o posto, seja porque a administração pública foi cortando tais quadros. Na situação atual, jamais será possível estar, dentro de uma escola, num "ambiente esteticamente agradável", num lugar como querem os alunos — um lugar onde eles encontrem, em parte, um conforto que não podem ter em casa.

Por fim, todos querem um nível adequado de segurança e controle. O único segmento a falar a linguagem da pedagogia que toma o aluno como ser oprimido é o dos professores, que a aprenderam nos livros, passando por cima de sua experiência concreta do dia-a-dia escolar. O aluno comum e principalmente sua família querem segurança e disciplina. Os pais colocaram seus filhos na escola não apenas para que eles

aprendam conteúdos correspondentes às suas séries, mas para que sejam socializados numa cultura escolar — que ensina a falar, a se comportar, a comer adequadamente à mesa, a entrar e sair dos lugares, escapando à discriminação social. Querem-nos protegidos contra a droga e os traficantes e, por isso, demandam guarda escolar. Querem-nos disciplinados, comportados (como sempre se pretendeu da escola) e, por isso, demandam inspetores, porteiros, cadernetas de identificação entregues na entrada e re-

tiradas na saída, uniforme. É certo que tanto pais quanto alunos preferem escolas cheias de cadeados, mesmo que pareçam presídios, com muros altos e cacos de vidro, porque o perigo está nas ruas; mas eles querem também que a escola evite que eles se agreguem ao tráfico, que saibam repeli-lo internamente e, neste contexto, a disciplina tem o seu lugar. Isto, porém, supõe mais pessoal de apoio e uma outra mentalidade da administração e dos professores.

Lograr tal transformação com professores cuja perda salarial e correspondente perda de status social os levou a contrair dívidas e empurrar para baixo seu nível de vida, o que contribuiu para o desestímulo e a frustração com a profissão e modificou sua extração social, não é uma pequena tarefa. A perda de status social é vivida dramaticamente pelo professorado e sua principal demanda é a elevação do salário a patamares dignos. Mas não se trata apenas de salário.

Em nome da "cultura do aluno" e da condenação do "arbitrário cultural", transmitido pelo aparato escolar, tornou-se tabu assumir que a escola tem um corpo de conhecimentos a transmitir e que uma socialização escolar — que inclui inculcação de hábitos, atitudes, comportamentos, linguagem — a acompanha. Relegitimar o papel específico da escola é igualmente uma tarefa de monta num país em que a "cultura mundana" e a linguagem pública penetraram a escola e conseguiram empurrar contra a parede a língua culta e a cultura escolar.

VANILDA PAIVA é diretora do Instituto de Estudos da Cultura e Educação Continuada (IEC) e professora da UFRJ.

...tornar a  
escola um  
local onde se  
aprende com  
prazer